

AKHENATON E O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO



OU O CONCEITO EGÍPSIO DE DEUS

ROBERTO AGUILAR M. S. SILVA

**A.:R.:L.:S.: SENTINELA DA FRONTEIRA,
CORUMBÁ, MS**

**ACADEMIA MAÇÔNICA DE LETRAS DE MATO
GROSSO DO SUL**

BRASIL

AKHENATON E O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO OU O CONCEITO EGÍPCIO DE DEUS

ROBERTO AGUILAR M. S. SILVA
A.:R.:L.:S.: SENTINELA DA FRONTEIRA, CORUMBÁ, MS
ACADEMIA MAÇÔNICA DE LETRAS DE MATO GROSSO DO SUL
BRASIL

O Conceito de Deus

Ao longo da história da humanidade a ideia ou compreensão de Deus assumiu várias concepções em todas sociedades e grupos já existentes, desde as primitivas formas pré-clássicas das crenças provenientes das tribos da Antiguidade até os dogmas¹ das modernas religiões da civilização atual.

Deus muitas vezes é expressado como o criador e Senhor do universo. Teólogos tem relacionado uma variedade de atributos para concepções de Deus muito diferentes. Os mais comuns entre essas incluem onisciência², onipotência³, onipresença⁴, benevolência⁵ (bondade perfeita), simplicidade divina, zelo, sobrenatural, eternidade e de existência necessária.

¹ Dogma é uma crença estabelecida ou doutrina de uma religião, ideologia ou qualquer tipo de organização, considerado um ponto fundamental e indiscutível de uma crença. O termo deriva do grego *δόγμα*, que significa "o que parece uma opinião ou crença" ou senão da palavra *δοκέω* (*dokeo*) que significa "a pensar, supor, imaginar".

² Onisciência é a capacidade de saber tudo infinitamente (ad infinitum), incluindo pensamentos, sentimentos, vida, passado, presente, futuro, e todo universo, etc. A onisciência é um conceito vastamente aplicado nas artes, como na literatura e em produções cinematográficas. Na maioria das religiões monoteístas esta habilidade extraordinária é tipicamente atribuída a um único Deus supremo, onde o conceito da onisciência se mantém tradicionalmente como uma verdade absoluta (i.e no cristianismo e no islamismo)

³ Onipotência designa a propriedade de um ser capaz de fazer tudo. É comum a utilização deste termo para designar o poder de Deus, nas religiões judaica, cristã e muçulmana. Na mitologia grega era atribuída aos deuses criadores (primordiais), junto da Onisciência e

Deus também tem sido compreendido como sendo incorpóreo, um ser com personalidade divina, a fonte de toda a obrigação moral, e o "maior existente". Estes atributos foram todos suportados em diferentes graus anteriormente pelos filósofos teológicos judeus, cristãos e muçulmanos, incluindo Rambam⁶, Agostinho de Hipona⁷ e Al-Ghazali⁸, respectivamente. Muitos filósofos medievais notáveis desenvolveram argumentos para a existência de Deus, tencionando combater as aparentes contradições implicadas por muitos destes atributos.

Deus, a Palavra

Tanto a forma capitalizada do termo Deus, quanto seu diminutivo, que vem a simbolizar divindades, deidades em geral, tem origem no termo latino para Deus, divindade ou deidade. Português é a única língua românica neolatina que manteve o termo em sua forma nominativa original com o final do

Onipresença. A onipotência é um dos atributos incomunicáveis do ser divino. Diz-se incomunicável, pois refere-se a um atributo constituinte da natureza mesma de Deus, diferente dos chamados "atributos comunicáveis", tais como amor, sabedoria, santidade, os quais podem ser comunicados e compartilhados pelas suas criaturas.

⁴ A onipresença é a capacidade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Em teologia, a onipresença é um atributo divino segundo o qual Deus está presente em todos os pontos da criação. Em conjunto à simplicidade divina, pode-se dizer que Deus está *totalmente* presente em cada ponto do universo.

⁵ O amor de Deus é um conceito central nas concepções monoteístas de Deus. Na teologia, este amor é o atributo divino segundo o qual Deus deseja dirigir-se ou comunicar-se bondosamente à sua criação. Nas palavras do teólogo calvinista Louis Berkhof, este amor é "*a perfeição de Deus pela qual Ele é movido eternamente à Sua própria comunicação*". Em virtude da santidade divina, Deus "*ama as Suas criaturas racionais por amor a Si mesmo, ou, para expressá-lo doutra forma, neles Ele se ama a Si mesmo, Suas virtudes, Sua obra e Seus dons*".

⁶ Moisés Maimônides (em hebraico רבי משה בן מיימון [Moshe ben Maimon]; em árabe الإسـرائيلي [Mussa bin Maimun ibn Abdallah al-Kurtubi al-Israili], do grego Μωυσής Μαϊμονίδης [Moysēs Maimonídēs], "Moisés, filho de Maimon"; Córdoba, 30 de março de 1135 ou 1137/1138 — Egito, 13 de dezembro de 1204) foi um filósofo, religioso, codificador rabínico e médico. Também era conhecido pelo acrônimo Rambam (הרמב"ם).

⁷ Aurélio Agostinho (em latim: *Aurelius Augustinus*), dito de Hipona, conhecido como Santo Agostinho (Tagaste, 13 de novembro de 354 - Hipona, 28 de agosto de 430), foi um bispo, escritor, teólogo, filósofo e é um Padre latino e Doutor da Igreja Católica.

⁸ Abū Ḥāmid Muḥammad ibn Muḥammad al-Ghazālī (1058 — 1111) (em árabe: أبو حامد محمد ابن (ي)محمد الغزالي) nasceu e morreu em Tous, na província Razavi Coração, na Pérsia. Foi um teólogo islâmico, jurista, filósofo, cosmólogo, psicólogo e místico de origem persa, e continua a ser um dos estudiosos mais célebres da história do pensamento islâmico sunita. É considerado um pioneiro da dúvida metódica e do ceticismo, e em uma de suas principais obras, *A Incoerência dos Filósofos*, mudou o curso da filosofia islâmica clássica, afastando-a de uma metafísica islâmica influenciada pelas filosofias grega e helenística, rumando para uma filosofia islâmica baseada em causa e efeito que foram determinados por Deus ou anjos intermediários, uma teoria hoje conhecida como ocasionalismo.

substantivo em "us", diferentemente do espanhol *dios*, francês *dieu*, italiano *dio* e do romeno, língua que distingue *Dumnezeu*, criador monoteísta e *zeu*, ser idolatrado. O latim *Deus* e *divus*, assim como o grego *ἰϑος* = "divino" descendem do Proto-Indo-Europeu**deiwo*s = "divino", mesma raiz que *Dyēus*, a divindade principal do panteão indo-europeu, igualmente cognato do grego *Ζεύς* (Zeus⁹). Na era clássica do latim o vocábulo era uma referência generalizante a qualquer figura endeusada e adorada pelos pagãos e atualmente no mundo cristão é usada hodiernamente em frases e *slogans* religiosos, como por exemplo, *Deus sit vobiscum*, variação de *Dominus sit vobiscum*, "o Senhor esteja convosco", o hino litúrgico católico *Te Deum*, proveniente de *Te Deum Laudamus*, "A Vós, ó Deus, louvamos" e a expressão que advém da tragédia grega *Deus ex machina*.

Te Deum

Te Deum é um hino litúrgico católico atribuído a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho, iniciado com as palavras "Te Deum Laudamus" (A Vós, ó Deus, louvamos). Segundo a tradição, este hino foi improvisado na Catedral de Milão num arroubo de fervor religioso desses santos.

Te Deum

Te Deum laudamus: te Dominum confitemur.

Te æternum Patrem omnis terra veneratur.

Tibi omnes Angeli, tibi Cæli, et universæ Potestates: Tibi Cherubim et Seraphim incessabili voce proclamant: Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth.

Pleni sunt cæli et terra majestatis gloriæ tuæ.

Te gloriosus Apostolorum chorus, Te Prophetarum laudabilis numerus, Te Martyrum candidatus laudat exercitus.

⁹ Zeus (em grego: Ζεύς, transl. *Zeús*), na mitologia grega, é o rei dos deuses, soberano do Monte Olimpo e deus do céu e do trovão. Seus símbolos são o relâmpago, a águia, o touro e o carvalho. Além de sua herança obviamente indo-europeia, o clássico "amontoador de nuvens", como era conhecido, também tem certos traços iconográficos derivados de culturas do antigo Oriente Médio, como o cetro. Zeus frequentemente era mostrado pelos artistas gregos em uma de duas poses: ereto, inclinando-se para a frente, com um raio em sua mão direita, erguida, ou sentado, em pose majestosa. Zeus Cronida, tempestuoso, era filho de Cronos e Reia, o mais novo de seus irmãos. Na maioria das tradições ele era casado com Hera - embora, no oráculo de Dodona, sua consorte seja Dione, com quem, de acordo com a *Ilíada*, teve uma filha, Afrodite. É conhecido por suas aventuras eróticas, que resultaram em muitos descendentes, entre deuses e heróis, como Atena, Apolo e Artêmis, Hermes, Perséfone (com Deméter), Dioniso, Perseu, Hércules, Helena, Minos e as Musas (com Mnemósine). Com Hera teria tido Ares, Hebe e Hefesto. Seu equivalente na mitologia romana era Júpiter, e na mitologia etrusca era Tinia. Já se especulou sobre uma possível ligação com Indra, divindade da mitologia hindu que também tem um raio como arma.

Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia, Patrem immensæ majestatis: Venerandum tuum verum et unicum Filium: Sanctum quoque Paraclitum Spiritum. Tu Rex gloriæ, Christe. Tu Patris sempiternus es Filius, Tu, ad liberandum suscepturus hominem, non horruisti Virginis uterum.

Tu, devicto mortis aculeo, aperuisti credentibus regna cælorum. Tu ad dexteram, Dei sedes, in gloria Patris. Iudex crederis esse venturus.

(Ao versículo seguinte, todos se inclinam) Te ergo quæsumus, tuis famulis subveni, quos pretioso sanguine redemisti.

Æterna fac cum Sanctis tuis in gloria munerari.

Salvum fac populum tuum, Domine, et benedic hereditati tuæ.

Et rege eos, et extolle illos usque in æternum.

Per singulos dies benedicimus te; Et laudamus Nomen tuum in sæculum, et in sæculum sæculi.

Dignare, Domine, die isto sine peccato nos custodire.

Miserere nostri domine, miserere nostri.

Fiat misericordia tua, Domine, super nos, quemadmodum speravimus in te.

In te, Domine, speravi: non confundar in æternum.

V. Benedicamus Patrem, et Filium, cum Sancto Spiritu.

R. Laudemus, et superexaltemus eum in sæcula.

V. Benedictus es, Domine, in firmamento cæli.

R. Et laudabilis, et gloriosus, et superexaltatus in sæcula.

V. Domine, exaudis orationem meam.

R. Et clamor meus ad te veniat.

V. Dominus vobiscum.

R. Et cum spiritu tuo.

Oremus.

*Deus, cujus misericordiæ non est numerus, et bonitatis infinitus est thesaurus: + piissimæ maiestati tuæ pro collatis donis gratias agimus, tuam semper clementiam exorantes; * ut, qui petentibus postulata concedis, eosdem non deserens, ad præmia futura disponas. Per Christum Dominum nostrum.*

R. Amen.

Esse texto foi musicado por vários compositores, entre eles Marc-Antoine Charpentier, Henry Purcell, Irmão Maçom Wolfgang Amadeus Mozart, Irmão Maçom Franz Joseph Haydn, Hector Berlioz, Anton Bruckner, Antonín Dvorák, Antônio Francisco Braga e José Maurício Nunes Garcia. Também o Irmão Maçom imperador Pedro I do Brasil compos um *Te Deum*.

Virgílio¹⁰ com *Dabit deus his quoque finem*, "Deus trará um fim à isto". O grito de guerra utilizado no Império Romano Tardio e no Império Bizantino, *nobiscum deus*, "Deus está conosco", assim como o grito das cruzadas *Deus vult*, "assim quer Deus", "esta é a vontade de Deus".

Dei é uma forma flexionada ou declinada de Deus, usada em expressões utilizadas pelo Vaticano, como as organizações católicas apostólicas romanas *Opus Dei* (*Obra de Deus*, sendo obra oriunda de *opera*), *Agnus Dei* (*Cordeiro*

¹⁰ Públio Virgílio Marão (em latim *Publius Vergilius Maro*), também conhecido como Vergílio ou Virgílio (Andes, 15 de Outubro de 70 a.C. - Brindisi, 21 de Setembro de 19 a.C.), foi um poeta romano clássico, mais conhecido por três obras principais, as *Éclogas* (ou *Bucólicas*), as *Geórgicas* e *Eneida* - apesar de vários poemas menores também serem atribuídos a ele.

de Deus) e *Dei Gratia* (Pela Graça de Deus). Geralmente trata-se do caso genitivo ("de Deus"), mas é também a forma plural primária adicionada à variante *di*. Existe o outro plural, *dii*, e a forma feminina *deae* ("deusas").

A palavra Deus, através da forma declinada *Dei*, é a raiz de deísmo¹¹, panteísmo¹², panenteísmo¹³, e politeísmo¹⁴, ironicamente tratam-se todas de

¹¹ O deísmo é uma postura filosófica que admite a existência de um Deus criador, mas questiona a ideia de revelação divina. É uma doutrina que considera a razão como uma via capaz de nos assegurar da existência de Deus, desconsiderando, para tal fim, a prática de alguma religião denominacional. O Irmão maçom Voltaire (1694-1778) filósofo francês, foi um Deísta. Acreditava que para chegar a Deus não se precisa ir à igreja, mas à razão.

¹² Panteísmo é uma crença que identifica o universo (em grego: *pan*, tudo) com Deus (em grego: *theos*). A reflexão deve partir de um conhecimento da realidade divina e depois especular sobre a relação entre o divino e o não-divino. A este ponto de vista chama-se *panteísmo acósmico*. Inversamente, quando a reflexão começa de uma percepção de toda realidade finita, das entidades passíveis de mudança e é dado o nome *Deus* a sua totalidade, denomina-se *panteísmo cósmico*. Etimologicamente falando, o termo panteísmo deriva das palavras gregas *pan* ("tudo") e *teísmo* ("crença em deus"), sustentando a ideia da crença em um Deus que está em tudo, ou a de muitos deuses representados pelos múltiplos elementos divinizados da natureza e do universo. Em diversas culturas panteístas, frequentemente a ideia de um Deus que vive em tudo complementa e coexiste pacificamente com o conceito de múltiplos deuses associados com os diversos elementos da natureza, sendo ambos aspectos do panteísmo. A principal convicção é que Deus, ou força divina, está presente no mundo e permeia tudo o que nele existe. O divino também pode ser experimentado como algo impessoal, como a alma do mundo, ou um sistema do mundo. O panteísmo costuma ser associado ao misticismo, no qual o objetivo do mortal é alcançar a união com o divino.

¹³ Panenteísmo (*pan-en-teísmo*), ou krausismo, é uma doutrina que diz que o universo está contido em Deus (ou nos deuses), mas Deus (ou os deuses) é maior do que o universo. É diferente do panteísmo (*pan-teísmo*), que diz que Deus e o universo coincidem perfeitamente (ou seja, são o mesmo). O termo foi proposto por Karl Christian Friedrich Krause, na sua obra *System des Philosophie* (1828), para designar a sua própria doutrina teológica que pretendia servir de mediação entre o panteísmo e o teísmo. O termo passou a ser utilizado para designar múltiplas tentativas análogas, extravasando o sentido original que lhe fora atribuído por Karl Krause. No panenteísmo, todas as coisas estão na divindade, são abarcadas por ela, identificam-se (ponto em comum com o panteísmo), mas a divindade é, além disso, algo além de todas as coisas, transcendente a elas, sem necessariamente perder sua unidade (ou seja, a mesma divindade é todas as coisas e algo a mais). Esta crença panenteísta pode ser identificada de forma bastante válida com a interpretação cabalística (que hoje em dia vem sendo utilizada por alguns teólogos cristãos, especialmente católicos) da criação, especificamente a ideia de Tzimtzum. No Misticismo judaico, Tzimtzum ou Zimzum (צמצום Hebraico: "contração" ou "construção") refere-se à noção cabalística sobre a Criação, de acordo com a qual Deus "contraiu" sua infinitude com a intenção de permitir um "espaço conceitual" dentro do qual um mundo finito e aparentemente independente pudesse existir. Esta contração é conhecida como Tzimtzum. A função do Tzimtzum é a de permitir a existência independente do mundo finito em relação ao infinito, já que eles poderiam anular-se ou misturar-se caso este mundo finito fosse de novo mergulhado no mundo infinito, sua fonte e destino (chalal panui חלל פנוי, chalal חלל), causando uma aparente ausência de Deus no mundo criado. Uma vez que o Tzimtzum corresponde ao "espaço" no qual o mundo existe, Deus é usualmente referido como o "Ha-Makom" (המקום lit. "o lugar", "o onipresente") na literatura rabínica. Do mesmo modo, olam - a palavra hebraica para "mundo" ou universo - deriva da raiz עלם, significando "continência". Esta etimologia complementa o sentido de Tzimtzum, segundo o qual o mundo traz em si a natureza espiritual a partir da qual se originou.

teorias na qual qualquer figura divina é ausente na intervenção da vida humana. Essa circunstância curiosa originou-se do uso de "deísmo" nos séculos XVII e XVIII como forma contrastante do prevalecente "teísmo". Deísmo é a crença em um Deus providente e interferente. Seguidores dessas teorias e ocasionalmente, seguidores do panteísmo, podem vir a usar em variadas línguas, especialmente no inglês o termo "Deus" ou a expressão "o Deus" (*the God*), para deixar claro de que a entidade discutida não trata-se de um Deus teísta. Arthur C. Clarke¹⁵ usou-o em seu romance futurista, *3001: The Final Odyssey*. Nele, o termo "Deus" substituiu "God" no longínquo século XXXI, pois "God" veio a ser associado com fanatismo religioso. A visão religiosa que prevalece em seu mundo fictício é o Deísmo.

São Jerônimo¹⁶ traduziu a palavra hebraica *Elohim* (אלוהים, אלהים) para o latim como Deus.

A palavra pode assumir conotações negativas em algumas utilizações. Na filosofia cartesiana, a expressão Deus deceptor é usada para discutir a possibilidade de um "Deus malévolo" que procura iludir-nos. Esse personagem tem relação com um argumento cético que questiona até onde um demônio ou espírito mau teria êxito na tentativa de impedir ou subverter o nosso conhecimento.

¹⁴ Politeísmo (do grego: *Polí*, muitos, *Théos*, deus: *muitos deuses*) consiste na crença em mais do que uma divindade de gênero masculino, feminino ou indefinido, sendo que cada uma é considerada uma entidade individual e independente com uma personalidade e vontade próprias, governando sobre diversas actividades, áreas, objectos, instituições, elementos naturais e mesmo relações humanas. Ainda em relação às suas esferas de influência, de notar que nem sempre estas se encontram claramente diferenciadas, podendo naturalmente haver uma sobreposição de funções de várias divindades. O reconhecimento da existência de múltiplos deuses e deusas, no entanto, não equivale necessariamente à adoração de todas as divindades de um ou mais panteões, pois o crente tanto pode adorá-las no seu conjunto, como pode concentrar-se apenas num grupo específico de deidades, determinado por diversas condicionantes como a ocupação do crente, os seus gostos, a experiência pessoal, tradição familiar, etc.

¹⁵ Sir Arthur Charles Clarke, mais conhecido como Arthur C. Clarke (Minehead, 16 de dezembro de 1917 — Colombo, 19 de março de 2008) foi um escritor e inventor britânico, autor de obras de divulgação científica e de ficção científica como o conto *The Sentinel*, que deu origem ao filme *2001: Uma Odisseia no Espaço* e o premiado *Encontro com Rama*.

¹⁶ São ou Jerônimo (Strídon, c. 347 - Belém, 30 de Setembro de 420), nascido Eusébio Sofrônio (Sofrônio) Jerônimo (em latim: *Eusebius Sophronius Hieronymus*; em grego: Εὐσέβιος Σωφρόνιος Ἱερώνυμος) foi um padre e apologeta cristão ilírio. É conhecido sobretudo como tradutor da Bíblia do grego antigo e do hebraico para o latim. É o padroeiro dos bibliotecários e dos tradutores, e patrono das secretárias (inclusive ambos comemorados no dia 30 de setembro).

Outra é *deus otiosus* ("Deus ocioso"), um conceito teológico para descrever a crença num Deus criador que se distancia do mundo e não se envolve em seu funcionamento diário.

Um conceito similar é *deus absconditus* ("Deus absconso ou escondido") de São Tomás de Aquino. Ambas referem-se a uma divindade cuja existência não é prontamente reconhecida nem através de contemplação ou exame ocular de ações divinas *in loco*. O conceito de *deus otiosus* frequentemente sugere um Deus que extenuou-se da ingerência que tinha neste mundo e que foi substituído por deuses mais jovens e ativos que efetivamente se envolvem, enquanto *deus absconditus* sugere um Deus que conscientemente abandonou este mundo para ocultar-se alhures.

A forma mais antiga de escrita da palavra germânica Deus vem do *Codex Argenteus*¹⁷ cristão do século VI. A própria palavra inglesa é derivada da Proto-Germânica¹⁸ "*gudān*". A maioria dos lingüistas concordam que a forma reconstruída da Proto-Indo-Européia¹⁹ (ǵhu-tó-m) foi baseada na raiz (ǵhau(ə)-), que significa também "chamar" ou "invocar".

¹⁷ O Codex Argenteus ou "Livro de Prata", por ter sido escrito com tinta prateada, é um manuscrito do Século VI, que originalmente continha cópia de parte da Bíblia traduzida no Século IV da Língua grega para a Língua gótica pelo bispo godo ariano Úlfilas. O famoso palimpsesto Códice Argenteus, é um evangeliário, um livro sagrado cristão contendo partes dos quatro evangelhos (não chega a ser uma Bíblia, nem mesmo um Novo Testamento). Das 336 folhas originais do Codex, se conservam 188, incluindo o fragmento descoberto em 1970 na Catedral de Speyer, contendo a tradução da maior parte dos quatro evangelhos em língua gótica, sendo o texto mais conhecido neste idioma extinto, e uma das principais fontes de conhecimento da mais antiga língua germânica que se tem evidência escrita, o idioma gótico.

¹⁸ Proto-Germânico, ou germânico comum, como é às vezes denominado, é a proto-língua ancestral comum hipotética de todas as línguas germânicas tais como o moderno inglês, holandês, alemão, dinamarquês, norueguês, islandês, Língua feroesa e sueco. A língua proto-germânica não possui qualquer texto sobrevivente mas foi reconstruída usando o método comparativo. Entretanto, algumas poucas inscrições sobreviventes na escrita rúnica da Escandinávia datadas de ca. 200 parece um estágio da língua protonórdica ou, segundo Bernard Comrie, Germânico Comum Tardio seguindo imediatamente o estágio do "proto-germânico". Proto-germânico descende do proto-indo-europeu

¹⁹ A língua proto-indo-europeia (PIE) é o ancestral comum hipotético das línguas indo-europeias, tal como era falado há cerca de 5000 anos, provavelmente nas proximidades do Mar Negro, cuja denominação original era Ponto Euxino. A postulação de uma descrição plausível dos contornos desta protolíngua, através da observação das similaridades e diferenças sistemáticas das línguas indo-europeias entre si, foi uma das grandes realizações dos linguistas a partir do início do século XIX. A aquisição da capacidade de fala pela humanidade deu-se milhares de anos antes do período da protolíngua indo-europeia. A denominação da língua reconstruída como "*protolíngua* indo-europeia" não implica portanto, de forma alguma, que a língua tenha sido em qualquer sentido "arcaica" ou "primitiva". Da mesma forma, sua reconstrução tampouco se trata de uma tentativa de encontrar a chamada língua primordial da humanidade.

A forma capitalizada Deus foi primeiramente usada na tradução gótica *Wulfila*²⁰ do Novo Testamento, para representar o grego "*Theos*". Na língua inglesa, a capitalização continua a representar uma distinção entre um "Deus" monoteísta e "deuses" no politeísmo. Apesar das diferenças significativas entre religiões como o Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo, a Fé Bahá'í²¹ e o Judaísmo, o termo "Deus" permanece como uma tradução inglesa comum a todas. O nome pode significar deidades monoteísticas relacionadas ou similares, como no monoteísmo primitivo de Akhenaton e Zoroastrismo²².

Akhenaton e o deus Aton, a única deidade

Segundo Mello (2011), Akhenaton ou Akenaton (1358~1340 a.C.) ficou conhecido como o "faraó monoteísta" por ter desenvolvido durante o seu curto reinado de 18 anos o culto a Aton como Deus Único, simbolizado pelo disco solar e em substituição aos demais deuses do panteão egípcio. Na verdade, o único Deus digno desse nome a ser cultuado. Não é preciso ter muita imaginação para ver o tamanho da briga que ele comprou com a influente classe sacerdotal egípcia. Tanto assim que, logo após sua morte, os antigos

²⁰ Wulfila ou Ulfilas (talvez significando "lobo pequeno") (c. 310-383), bispo, missionário e tradutor, foi um gótico ou semi-gótico, que tinha passado algum tempo no interior do Império Bizantino no momento em que o arianismo foi dominante. Apesar de suas crenças heréticas, ele é muitas vezes referida como o "Apóstolo dos Godos".

²¹ A Fé Bahá'í é uma religião monoteísta fundada por Bahá'u'lláh na Pérsia do século XIX que enfatiza a unidade espiritual da humanidade. Trata-se de uma religião independente que possui as suas próprias leis, escrituras sagradas, administração e calendário. Mas não possui dogmas, clero, nem sacerdócio. Estima-se que existam cinco a seis milhões de Bahá'ís espalhados por mais de 200 países e territórios. Os ensinamentos Bahá'ís atribuem grande importância ao conceito de unidade das religiões. A história religiosa da humanidade é vista como um processo de desenvolvimento gradual, em que surgem diversos Mensageiros Divinos com ensinamentos adequados às necessidades de cada momento e à maturidade de cada povo. Esses mensageiros incluem Krishna, Abraão, Buda, Jesus, Maomé e, mais recentemente, O Báb e Bahá'u'lláh. Segundo os ensinamentos Bahá'ís, a humanidade encontra-se num processo de evolução colectiva a caminho de uma civilização mundial, e as suas necessidades actuais centram-se, essencialmente, no estabelecimento gradual da paz, justiça e unidade a uma escala global. A palavra **Bahá'í** pode ser usada para referir a Fé Bahá'í ou os seguidores desta religião. Esta palavra deriva do termo árabe "Bahá" (بهاء) que significa glória ou esplendor.

²² O zoroastrismo, também chamado de masdeísmo, mitraísmo ou parsismo, é uma religião monoteísta fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra, a quem os gregos chamavam de Zoroastro. É considerada como a primeira manifestação de um monoteísmo ético. De acordo com os historiadores da religião, algumas das suas concepções religiosas, como a crença no paraíso, na ressurreição, no juízo final e na vinda de um messias, viriam a influenciar o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Tem seus fundamentos fixados no Avesta e admite a existência de duas divindades (dualismo), representando o Bem (Aúra-Masda) e o Mal (Arimã), de cuja luta venceria o Bem.

cultos foram restaurados e sua memória desacreditada, considerado que foi um herege.

Akhenaton (cujo nome inicial foi Amen-hotep IV ou, na versão helenizada, Amenófis IV) foi um grande faraó²³ da XVIII Dinastia egípcia. A historiografia credits esta personalidade com a instituição de uma religião monoteísta entre os egípcios, numa tentativa de retirar o poder político das mãos dos sacerdotes, principalmente aqueles do deus Amon²⁴ da cidade de Tebas.

Para concentrar o poder na figura do faraó, ou para apenas retirar o poderio dos sacerdotes, Akhenaton instituiu o deus Aton como a única divindade que deveria ser cultuada, sendo o próprio faraó o único representante e mediador dessa divindade. Outras fontes acreditam que Akhenaton apenas queria retirar o poder dos sacerdotes, que em muito influenciavam a vida política dos egípcios, de forma muitas vezes nocivas.

Deus Aton

Aton é um neter²⁵ egípcio, pouco se conhece sobre este, mas seria uma segunda forma de Amon²⁶, no qual nos cultos veio substituir este. O faraó

²³ Faraó era o título atribuído aos reis (com estatuto de deuses) no Antigo Egito. Tem sua origem imediata do latim tardio *Pharāo -onis*, por sua vez do grego *Φαράω* e este do hebraico *Par'ōh*, termo de origem egípcia que significava propriamente "casa elevada", indicando inicialmente o palácio real. O termo, na realidade, não era muito utilizado pelos próprios egípcios. No entanto, devido à inclusão deste título na Bíblia, mais especificamente no livro do "Êxodo", os historiadores modernos adotaram o vocábulo e generalizaram-no, um equívoco.

²⁴ Amon, Ámon ou Amun (em grego Ἄμμων, transl. *Ámmon*, ou Ἰάμμων, *Hámmon*; em egípcio *Yamānu*) foi um deus da mitologia egípcia, visto como rei dos deuses e como força criadora de vida. Deus local de Karnak, constitui uma família divina com sua esposa Mut e seu filho Khonsu. O nome de Amon foi registrado pela primeira vez no idioma egípcio como *īm̃n*, que significa "O escondido". Como as vogais não eram escritas nos hieróglifos egípcios, egiptólogos reconstruíram a pronúncia de seu nome como Yamānu (/jama:nu/). O nome sobreviveu no copta como, *Amoun*.

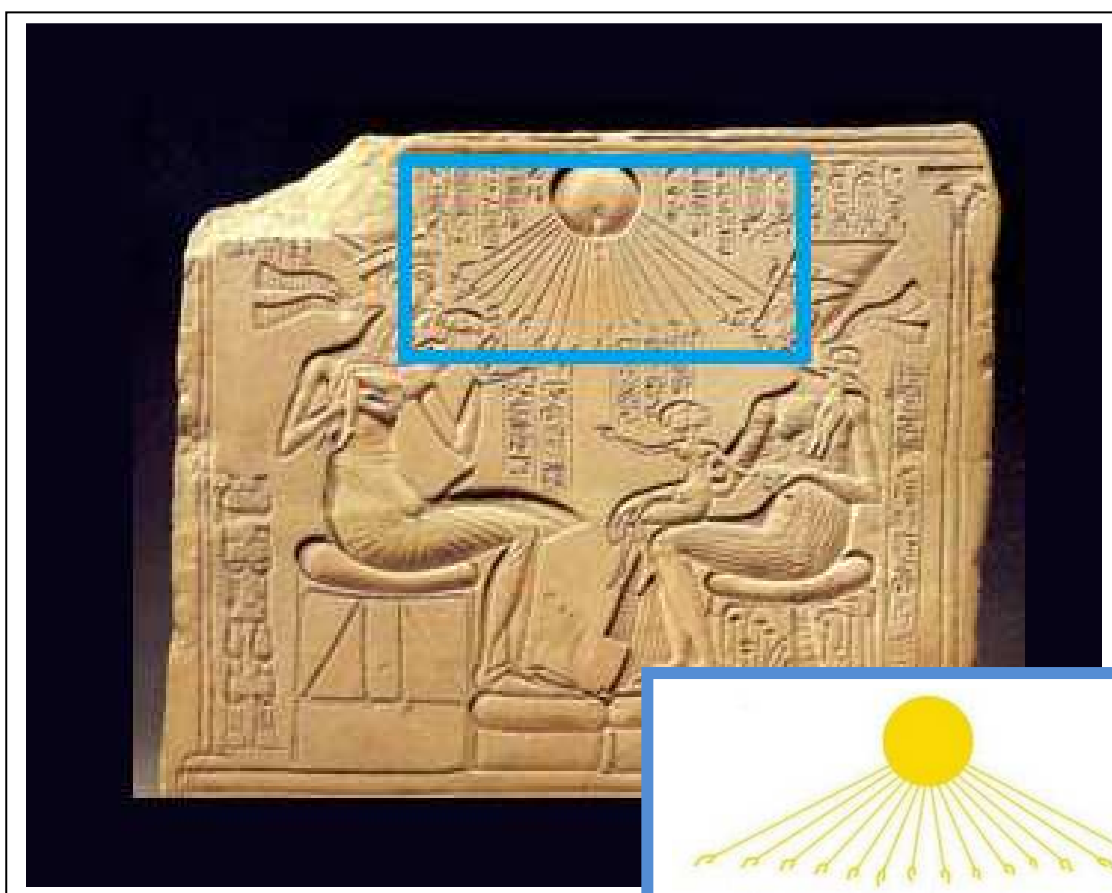
²⁵ Neter é uma palavra em egípcio sem tradução exata. A antiga religião egípcia, diferente do que muitos pensam, cultua apenas um único deus. Sendo este supremo, eterno, imortal, onisciente, onipresente e onipotente. Mas este deus aparece de várias formas e aspectos, os Neteru (plural de Neter no masculino e Netert no feminino). Um exemplo para compreender melhor isso é a água, que sendo líquida, sólida ou gasosa continua sendo água. Dessa forma os Neteru tem sua própria personalidade, ações e são cultuados. Os neteru também podem ser ditos como informações ou pistas para conhecer Deus. Por exemplo: se é nos informado apenas o nome de alguém, não temos o mínimo conhecimento desse, mas quanto mais pistas e informações sobre ele, melhor o conhecemos. Desse modo os arqueólogos e egiptólogos que estudaram sobre a antiga religião egípcia, traduziram neteru como deuses e deusas, dando totalmente a informação errônea de que tais são forças independentes.

²⁶ Amon, Ámon ou Amun (em grego Ἄμμων, transl. *Ámmon*, ou Ἰάμμων, *Hámmon*; em egípcio *Yamānu*) foi um deus da mitologia egípcia, visto como rei dos deuses e como força criadora de

Akhenaton proibiu aos antigos egípcios a cultuar outros neteru, escolhendo somente Aton. Por todo o seu reinado o povo tentou apagar seu registro da história.

Aton, o primeiro deus único do Egito

Há mais de três mil anos, todas as divindades egípcias foram substituídas por um deus único, Aton, o disco solar irradiante, símbolo da vida, do amor, da verdade, arruinando o clero todo-poderoso de Tebas. O deus Amon é venerado. O clero de Tebas está mais onipotente e mais onipresente do que nunca, constituindo um verdadeiro Estado dentro do Estado. Esta situação já havia preocupado diversos soberanos que, em vão, haviam tentado reduzir as ambições políticas dos chefes religiosos. Amenófis III tem consciência do perigo que este contra-poder representa para a realeza.



Deus Aton

vida. Deus local de Karnak, constitui uma família divina com sua esposa Mut e seu filho Khonsu.

O Hino a Aton

O Hino a Aton foi encontrado escrito nas paredes de vários túmulos de funcionários de Akhenaton, na nova capital fundada pelo faraó na atual Tell el-Amarna. A cópia mais completa foi descoberta no túmulo de Ay, funcionário de Akhenaton e sucessor de Tutankhamon como rei.

Assim como o disco solar, o templo dedicado a Aton era aberto, com um grande pátio onde recebia os raios solares. A construção do templo foi inovadora, pois utilizaram-se os talatat, blocos de pedra que podiam ser transportados por um homem sozinho. Este fato facilitou o transporte e acelerou o processo de construção.

O Faraó Revolucionário

O reinado de Akhenaton (1364 - 1347 a.C.) provocou uma mudança na concepção do mundo egípcio. Apesar de breve, foi produtivo, tanto do ponto de vista artístico como literário.

O HINO A ATON Akhenaton

"Apareces cheio de beleza no horizonte do céu, disco vivo que iniciaste a vida. Enquanto te levantaste no horizonte oriental, encheste cada país da tua perfeição. És formoso, grande, brilhante, alto em cima do teu universo. Teus raios alcançam os países até ao extremo de tudo o que criaste. Porque és Sol, conquistaste-os até aos seus extremos, atando-os para teu filho amado. Por longe que estejas, teus raios tocam a terra. Estás diante dos nossos olhos, mas o teu caminho continua a ser-nos desconhecido. Quando te pões, no horizonte ocidental, o universo fica submerso nas trevas, como morto. Os homens dormem nos quartos, com a cabeça envolta, nenhum deles podendo ver seu irmão... Mas na aurora, enquanto te levantas sobre o horizonte, e brilhas, disco solar, ao longo da tua jornada, rompes as trevas emitindo teus raios... Se te levantas, vive-se; se te pões, morre-se. Tu és a duração da própria vida; vive-se de ti. Os olhos contemplam, sem cessar, tua perfeição, até o acaso; todo o trabalho pára quanto te pões no Ocidente. Enquanto te levantas, fazes crescer todas as coisas para o rei, e a pressa apodera-se de todos desde que organizaste o universo, e fizeste com que surgisse para teu filho, saído da tua pessoa, o rei do Alto e do Baixo Egito, que vive de verdade, o Senhor do Duplo País, Neferkheperuré Uaenré, filho de Rá, que vive de verdade, Senhor das coroas, Akhenaton. Que seja grande a duração de sua vida! e à sua grande esposa que o ama, a dama do Duplo País, Neferneferuaton Nefertiti, que lhe seja dado viver e rejuvenescer para sempre, eternamente."

"EXTRAÍDO DO SITE MISTÉRIOS ANTIGOS - www.misteriosantigos.com"

O Grande Hino a Aton é um texto religioso do Antigo Egito cuja autoria é atribuída ao faraó do Império Novo Amen-hotep IV, mais conhecido pelo nome de Akhenaton, que governou o Egito entre 1351 e 1334 a.C. (segundo o egiptólogo alemão Jürgen von Beckerath). Foi gravado no túmulo de Ai, um alto funcionário do soberano que chegou a ser rei, sucedendo a Tutankhamon. Este túmulo, situado numa montanha a oriente de Amarna, não foi utilizado por Ai que acabou por ser sepultado em Tebas (na necrópole do Vale dos Reis). Foi

disposto em treze colunas verticais de hieróglifos, acompanhado por uma representação de Ai e da sua esposa, Tié. As inscrições encontram-se danificadas devido ao vandalismo exercido sobre estas em 1890. Em cinco outros túmulos de Amarna existem composições dedicadas a Aton ou a Aton e ao rei que devido às suas semelhanças se acredita serem oriundas duma mesma fonte. É o principal documento para o estudo das concepções religiosas desenvolvidas por Akhenaton, as quais são por vezes designadas sob o termo de "atonismo", dado o deus Aton ocupar nelas o papel principal. É provável que o hino fosse utilizado em celebrações religiosas. A composição gira em torno de três figuras: Ré-Horakhti na sua manifestação de Aton, Akhenaton e Nefertiti. Aton é apresentado como o criador dos seres e das coisas, que protege, sendo Akhenaton o único ser humano que tem acesso ao deus. Tem sido apontadas as semelhanças entre o hino e o Salmo 104 da Bíblia, o que para alguns sugere uma relação entre o "monoteísmo" de Akhenaton e o monoteísmo de Moisés, que viveu cerca de um século depois do faraó; Sigmund Freud assim o defendeu na sua obra *Moisés e o Monoteísmo*. Porém, hoje em dia sugere-se que as semelhanças são oriundas do mesmo substrato cultural do Médio Oriente. Muito mais do que um monoteísmo, as concepções religiosas de Akhenaton seriam um henoteísmo exacerbado. Para além disso, o hino não é completamente original, dado que alguns elementos presentes já se encontram em composições anteriores, como nos Textos dos Sarcófagos e num hino a Amon que se encontra no Papiro Bulaq 17. No entanto, o hino é considerado como uma bela manifestação literária deste período.

Bibliografía

ANTIGO EGITO DEUSES E MITO. Antigo Egito - Hino Ao Deus Aton

<http://antigo-egito-deuses-e-mitos.blogspot.com/2009/01/antigo-egito-hino-ao-deus-aton.html>

BIOGRAFIAS Y VIDAS. Akenatón o Ajnatón. <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/a/akenaton.htm>

EGIPTOALDESCUBIERTO. Akenaton <http://www.egiptoaldescubierto.com/personajes/akenaton/akenaton.html>

ISON, C. T. Aton, o primeiro deus único do Egito. http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/aton_o_primeiro_deus_unico_do_egito.html

MELLO, F. G. A Invenção de Deus. <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/fguedes/a-invencao-de-deus.html>

PASEANDOHISTORIA. Akenatón, el faraón de aspecto extraño <http://paseandohistoria.blogspot.com/2010/09/akenaton-el-faraon-de-aspecto-extrano.html>

WIKIPEDIA. Akenatón. <http://es.wikipedia.org/wiki/Akenat%C3%B3n>

WIKIPEDIA. Grande Hino a Aton. http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Hino_a_Aton